

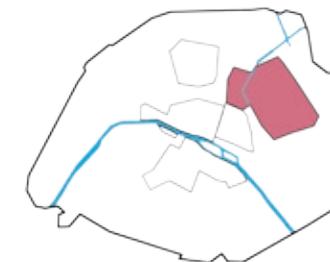


Uma Paris  
multiétnica  
se esbalda ao  
sol no Parc de  
Belleville

FOTO: JACQUES LOICGETTY IMAGES

## E tem o lado B

Na fecunda mistura étnica da região nordeste, hipsters fazem café, grafiteiros tingem as construções e a boemia corre solta



Os arrondissements 10, 11, 19 e 20 ainda são subaproveitados por nós, visitantes brasileiros. Eles orbitam mais ou menos em torno do Canal Saint-Martin, o ponto mais amigável para turistas inadvertidos.

O canal foi encomendado por Napoleão I, em 1802, para ajudar a abastecer a população crescente de Paris de víveres e materiais de construção. Hoje, com água verdinha, margens arborizadas e pontes de pedestres arqueadas acopladas a escadarias, o canal é um local aprazível para passeios e piqueniques. Muito graças à revolução dos “bobo”, abreviação de *bourgeois-bohème* – ou burguês-boêmio, em bom português, uma versão existencialista dos hipsters. Essa galera circula ali entre livrarias-cabeça, cafés artesanais (eu disse que era uma modinha), lojinhas descoladas, hotéis para a geração Y e alguns dos melhores bistrôs do momento. A Comptoir General traduz bem o espírito do lugar: é uma loja-café-bar-brechó inspirada na cultura dos imigrantes, principalmente os africanos. O espaço tem dois andares e uma varanda e vende de sapatos a máquinas fotográficas antigas.

Belleville, mais a leste, talvez traduza melhor o que é Paris hoje que o Quartier Latin: o bairro, desprovido de monumentos e museus, é tipicamente da classe operária, habitado por estudantes, artistas e imigrantes asiáticos, africanos, árabes. Como algumas áreas

ainda são meio áridas, aconselho contratar o passeio de street art da brasileira Fernanda Hinke. A guia mostra o maior ouro do bairro: os grafites que cobrem murais, paredes e até caminhões, do alto dos prédios ao rés do chão. Ela apresenta a ultragrafitada Rue Denoyez – e, se der sorte, ainda entra no ateliê de algum artista – e o pouco conhecido Parc de Belleville, que surge do nada com um panorama soberbo da cidade e a silhueta da Torre Eiffel. Termine o dia no Le Perchoir, bar arrumadinho, com terraço e menu de cervejas do mundo todo.

Uma série de novos estabelecimentos aporta no 10º Arrondissement, a oeste do canal. Para conhecê-los, chegue depois que o sol se põem na Rue du Faubourg-Saint-Denis, povoada de uma dezena de bares e restaurantes à sombra da bela Porte Saint-Denis, uma arcada construída, em 1672, para substituir parte de uma muralha medieval que um dia abraçou a cidade. Aí é só entrar no lugar que te apetecer mais. Minha sugestão é comer e depois seguir até o bar Le Syndicat, que só usa bebidas de proveniência francesa e faz drinques inventivos. Na noite em que estive lá, um inglês cabeludo lamentava sobre a tragédia do *Charlie Hedbo*, um garçom grego chacoalhava coqueteleiras, duas amigas de descendência argelina conversavam nos bancos do balcão ao meu lado. É, eu só poderia estar em Paris...